

## **Antropologia do Espaço**

### **Texto de apoio #8 - Aula #8**

**15 de Maio de 2007**

#### ***Espaços de não identidade – globalização***

Como temos vindo a analisar, os espaços contribuem em grande medida para a construção de uma identidade colectiva, mas também individual, existindo inclusivamente leis que protegem os espaços de identidade. Contudo, actualmente vivemos num paradoxo, já que por um lado existe a apologia do moderno, *avant garde* e por outro lado, criamos mecanismos cuja função passa por devolver alguns dos elementos que permitem a construção de uma identidade, nomeadamente, através dos referentes espaciais.

O conceito de “tradicional”, “genuíno” e de “identidade”, estão intimamente relacionados com a emergência da sociedade moderna e pós-moderna. Uma das características destas sociedades/cidades, é a de relegaram as práticas regionais para segundo plano seguindo uma linha orientadora de organização e socialização, dita moderna. Este “modernismo”, no que à ocupação e gestão do espaço e à arquitectura diz respeito, está associado, as construções em altura (também conhecidas como “construções verticais”) no centro das cidades. Mas de que forma é que esta prática se generalizou? Como e porque é que as grandes metrópoles e capitais se assemelham entre si em tantos aspectos? A resposta para estas questões reside na globalização. A globalização é um processo de grande integração e interligação económica, social, cultural e espacial que é facilitada pela redução dos preços dos meios de transporte e as cada vez mais frequentes e acessíveis, vias de comunicação entre os países de todo o mundo no final do século XX. No extremo, a globalização converte esta ligação entre os países numa “Aldeia Global”. Esta pode ser entendida como a expressão do completo conhecimento social e até individual dos cidadãos de vários países e das suas práticas. Ao nível económico este processo traduz-se em maiores ganhos para os mercados internos já saturados (Wikipedia, 2007).

Este fenómeno, apesar de estar presente no discurso quotidiano há poucas décadas, existe desde sempre, na medida em que desde sempre que existiu um fluxo de informação de uns povos para outros. Se quisermos, os descobrimentos portugueses, terão sido um dos grandes impulsionadores para o desenvolvimento da globalização, na medida em que se superaram fronteiras que criaram as primeiras vias de comunicação inter-cultural, dando início ao processo económico que permitiu a troca de produtos comerciais por um lado, e por outro permitiu a partilha de práticas culturais, tornando a sociedade medieval trans-nacional um pouco mais homogénea.

Mas o processo histórico a que se denomina Globalização é bem mais recente, datando (dependendo da interpretação) do colapso do bloco socialista e o conseqüente fim da Guerra Fria (entre 1989 e 1991), do refluxo capitalista com a estagnação económica da URSS (a partir de 1975) ou ainda do próprio fim da Segunda Guerra Mundial (Wikipedia, 2007).

A globalização, pode também ser sinónimo de homogeneização, principalmente dos centros urbanos. Esta é favorecida pela descentralização e multiplicação de grandes corporações e empresas para outros destinos distantes da sede ou do local original de implementação, mantendo a imagem estética, de um espaço geográfico para outro, criando assim espaços estereotipados em contextos culturais distintos. A partir do momento em que este fenómeno se torna prática comum e generalizada, a necessidade de recuperar a noção de identidade emerge. É nessa medida que os conceitos de tradição, ancestralidade, genuíno e identidade estão intimamente ligados às cidades globalizadas (Wikipedia, 2007).

A face visível desta globalização, é sem dúvida a arquitectura. Outros aspectos, podem reflectir esta condição (ao nível da alimentação é também evidente a homogeneização), mas é ao nível da arquitectura principalmente das grandes cidades que todos percebemos e nos apercebemos, deste fenómeno.

### **A tipificação dos espaços: os modelos turísticos, urbanos e sub-urbanos;**

Existem pelo menos duas variáveis que têm vindo a concorrer para uma tipificação dos espaços: o “modernismo” e a globalização.

“Com cada vez maior frequência, nos dias que correm, os arquitectos são confrontados com uma dicotomia aparentemente inofensiva mas que na realidade acaba por ser uma das maiores discussões (ou indecisões) da arquitectura contemporânea. A questão do ter ou não ter uma linguagem moderna, do ter ou não ter uma atitude moderna, surge hoje em dia como um problema corrente da prática arquitectónica que interessa analisar e entender a sua definição (Sousa, 2007)”.

Tal como a globalização, também as alterações modernistas, não se encerram apenas no tempo actual, contemporâneo. O Renascentismo é considerado por muitos como a primeira grande revolução ideológica. Colocando o Homem no centro do pensamento científico e social, desenvolveram novas formas de conceber o tempo e o espaço o que também afectou a forma de conceber e pensar a arquitectura, passando esta forma a designar-se de moderna (Sousa, 2007).

Um segundo ponto de viragem resulta da Revolução Industrial, cuja influência se manifestou sobre tudo ao nível social. Esta revolução apresenta como principal característica identificadora, a afluência de grandes massas de pessoas aos centros industriais, o que conduziu ao aparecimento de problemas relacionados com o funcionamento das cidades e da estrutura social. Durante este período a arquitectura vive uma fase importante de indecisão, na medida em que passaria por ela a interferência na estrutura social da população a que se poderia associar uma melhoria da qualidade de vida. Este impasse arrastou-se até 1928, ano do *Congrès International d'Architecture Moderne (CIAM)*. Durante este congresso um grupo de arquitectos assume a importância da arquitectura para a resolução dos problemas sociais. “Estes arquitectos propunham-se a intervir na sociedade de forma estritamente profissional, apelando a uma arquitectura de carácter social, rompendo então com o academismo que vigorava desde o século XV (Sousa, 2007)”.

Actualmente atravessamos uma nova fase de instabilidade a nível social, cultural e tecnológico. A arquitectura que se nos apresenta, é de pluralidade nem sempre harmoniosa, em que as desigualdades sociais são preponderantes para a qualidade estética e técnica que lhe surge associada. Esta nova realidade, que se caracteriza também por um maior acesso, e o acesso de um maior número de pessoas aos mais diversos bens, é designada de 3ª cultura (na sequência da 2ª cultura – científica; e da 1ª cultura – humanista). Esta realidade social, do final do século XX é também conhecida por cultura de massas, em que também a arquitectura com consequência de um momento histórico, social e político se esbarra.

A arquitectura associada às grandes massas populacionais que resultaram inicialmente da revolução industrial (RI), pode ser contextualizada no tempo (desde a RI, que aconteceu em momento diversos nos vários contextos geográficos) e no espaço (geralmente surge associada às grandes cidades, em que há a necessidade de albergar um grande número de pessoas, num espaço reduzido).

Dada a sua “urgência” (a necessidade que provir habitação a um grande número de pessoas) esta arquitectura “moderna” das massas, não se referencia na história e não tem uma reflexão própria e por isso mesmo consome (não cria) produtos externos, provenientes das outras culturas. Ou seja, a arquitectura “da globalização” é uma arquitectura (aparentemente) sem referências históricas ou culturais. Está voltada para o consumismo massificado e para uma aceitação imediata, não reflexiva. Deste modo, a arquitectura perde o seu carácter local e específico para valores genéricos de uma cultura de massas.

#### **- modelos turísticos**

Em Portugal, em parte devido ao período de fechamento e de ditadura, tanto a revolução industrial, quanto o processo de globalização, são fenómenos relativamente recentes. Só a partir do final da década de 70 se deu início as alterações sociais e culturais que já há 20 anos se verificavam noutros países ocidentais. Contudo, e como geralmente sucede em países que se encontram encerrados em si mesmos durante longos períodos e enquanto se operam grandes transformações, a resposta aos constrangimentos acontece de uma forma rápida e intensa.

O turismo em Portugal, apesar de uma das principais fontes de receitas, é um mercado recente. A sua expansão terá ocorrido no final dos anos 60, início dos anos 70 principalmente a Sul, por apresentar elementos naturais muito apelativos (como seja o clima e a praia) e por se apresentar relativamente despovoado e inexplorado.

Seguindo a moda vigente nos anos 70, a arquitectura em altura ou vertical era o reflexo da entrada numa época e num mundo moderno. Os grandes prédios eram vistos como símbolos de poder e modernismo, sendo muito cobiçados pelos primeiros turistas nacionais.

Também novidade após a revolução do 25 de Abril, foi a possibilidade de um grande número de pessoas poder usufruir de dias de férias. Esses dias, principalmente durante os anos 80, eram quase exclusivamente passados no Algarve, ou em regiões similares nos arredores da capital. Assim, o que inicialmente era o reflexo de uma moda arquitectónica, revelou-se uma

importante fonte de rendimentos. O alojamento em altura, em habitações tipificadas e estandardizadas, que em nada reflectem o contexto local, satisfizeram durante muito tempo as necessidades de todos: turistas e nativos.

A eficácia deste modelo, propagou-se por largas franjas litorais, criando uma nova organização espacial caracterizada pela emergência de profundos contrastes arquitectónicos, em que as habitações locais (pisos térreos) se encontram lado a lado com enormes torres de habitação.

O efeito deste tipo de habitação ou de ocupação do espaço ao nível social é enorme. Existe uma divisão entre os locais/nativos e os turistas. Um quase desinteresse da realidade circundante e a ausência de laços sociais mesmo dentro de um mesmo espaço habitacional.

O espaço passa a ser um bem raro nestes contextos turísticos, emergindo neste sentido o conceito de time-sharing. Existe neste tipo de turismo, uma perpetuação da ordem quotidiana vivida nas grandes cidades, de onde vêm a maior parte destes turistas, com a agravante da impessoalidade das casas arrendadas ou partilhadas, ou mesmo dos quartos de hotéis e pensões, que surgem com o único intuito de albergar o maior número de pessoas possível.

A aridez ao nível social e cultural a que este modelo esteve associado, bem como a perpetuação da regra quotidiana da impessoalidade e das urbanidades, rapidamente se consumiu. A tendência desde meados dos anos 90 passou pela exclusividade, pela proximidade ao contexto de destino que se quer cada vez mais típico, único e autêntico. A perspectiva cultural, ainda que possa estar distorcida, é cada vez mais um atractivo dos sítios turísticos. Desta forma, dá-se uma transferência de lugares turísticos: as massas passam a ocupar agora as grandes torres de férias e esses locais, agora profundamente marcados e alterados pela construção em altura, passam a não interessar aos turistas de classe A. Surge uma conotação social e cultural ao tipo de local que cada turista escolhe.

Hoje em dia existem vários tipos de conceitos turísticos, a maior parte deles distintos e distantes, das grandes massas de turistas. Há uma nova aposta no turismo cultural, rural ou histórico, sendo nestes casos a tónica colocada na autenticidade, identidade e ancestralidade.

#### **- modelos urbanos**

Como já foi referido, um dos momentos que definiu o tipo de malha que encontramos nas urbes contemporâneas, foi sem dúvida a Revolução Industrial. O movimento das massas populacionais das aldeias e meios rurais para as cidades, deixando para trás os seus modos de fazer, viver e ocupar o espaço, teve um tremendo impacto na estrutura social das cidades. Em Portugal, para além da RI ter ocorrido mais tardiamente (em comparação com outros países europeus), foi também em parte condicionada por outros dois fenómenos de natureza nacional: o atraso vivido no país em consequência do regime ditatorial do estado novo e o retorno dos portugueses das colónias ultramarinas.

Estes dois processos ocorreram de forma quase simultânea, criando nas grandes cidades e em particular em Lisboa, uma enorme pressão demográfica e uma organização urbanística desconcertante. Durante longos anos, foram construídas autênticas aldeias de lata, onde as pessoas com menos posses se iam instalando. A solução do Estado passou por tentar criar,

anos mais tarde, habitações sociais. Estas sem preocupações estéticas e funcionais, replicavam a fraca condição social. Para a classe média com algumas posses, surgem na cidade prédios de muitos andares, de divisões diminutas que em tudo diferem do local de origem. Constrangidos a um espaço menor, com o horizonte toldado por outros prédios idênticos e obrigados a partilhar o espaço com pessoas estranhas, o choque cultural é enorme. Dada a proximidade deste fenómeno, este conflito é perceptível quando no período de Verão e das festas se dá uma deslocação em peso, da cidade para as aldeias do interior. Só agora começa a surgir uma segunda geração de uma maioria nascida nas cidades.

Os prédios de habitação das cidades, são geralmente incaracterísticos. Mais uma vez a vertente estética não é valorizada e na maior parte dos casos são edifícios impessoais e sem identidade, na medida em que albergam diferentes tipos de pessoas de diferentes origens. Este modelo genérico dos edifícios, foi reproduzido em várias cidades do país, como em geral acontece em todas as grandes cidades mundiais. A aplicação de um mesmo molde arquitectónico, pouco cuidado e pensado a realidades distintas, tem sido o causador de vários conflitos sociais e de situações de marginalidade e segregação, em parte porque a uma determinada mancha arquitectónica se associa um determinado carimbo social.

A arquitectura das grandes cidades, apresenta espaços distintos: as zonas dos escritórios – uma zona de globalização internacional; as zonas de prédios recente – zonas de globalização nacional; e as zonas antigas – zonas onde ainda é perceptível o regionalismo ao nível da construção (e também ao nível das práticas sociais e culturais). Os grandes prédios simbolizam o mais das vezes as grandes potencias económicas de nível mundial, situando-se no centro da cidade. Estes edifícios são geralmente o local de emprego de um grande número de trabalhadores.

A ineficácia deste modelo, e as tensões sociais causadas levou a dois movimentos sociais e arquitectónicos distintos: o povoamento das regiões sub-urbanas, numa primeira fase e numa segunda o retorno ao espaço rural.

#### **- modelos sub-urbanos**

A pressão demográfica das grandes cidades pode levar a que alguns dos seus habitantes se desloquem para a periferia das grandes cidades. Estas regiões são conhecidas por subúrbios. Estes caracterizam-se por dependerem de uma grande cidade que se encontra nas imediações, para aprovisionamento e para a introdução de rendimentos.

Este movimento pode também ser de duas naturezas: pode resultar de um processo de fuga da especulação imobiliária, ou do movimento resulta da procura pelas classes mais altas de algum sossego e isolamento. O conceito de subúrbio em Portugal, está intimamente relacionado com o primeiro tipo de movimento. São várias as regiões conhecidas como dormitório. Neste contexto a arquitectura é esteticamente pouco cuidada sendo o seu principal objectivo a funcionalidade. Ao nível das relações sociais este modelo apresenta-se como criador de sérias tensões sociais que em certa medida comprometem a qualidade de vida dos indivíduos. São mais uma vez soluções rápidas e económicas, sem qualquer referente social e

cultural o mesmo é dizer sem símbolos de identidade. O crescimento e desenvolvimento destas regiões, ocorrem em parte graças às redes viárias e aos meios de comunicação que permitem um fácil e rápido acesso à cidade mais próxima.

O segundo tipo de movimento, consiste em reproduzir o modelo americano. De acordo com este sistema, os subúrbios caracterizam-se por serem constituídos por casas unifamiliares, com um espaço exterior próprio. Em Portugal este sistema não é tão comum apesar de haver algumas tentativas de criar muito perto dos centros da cidade, condomínios privados que se assemelham em certa medida às estratégias americanas.

Também o fenómeno de aparecimento subúrbios não é uma novidade, na medida em que existem imensos exemplos históricos, em que cidades de alguma relevância económica aparecem emolduradas por outras zonas de aglomerado social.

### **A componente económica e a consequência cultural;**

Todos estes movimentos que estivemos a analisar, permitem perceber de que forma é que os espaços e em particular a arquitectura, têm vindo a influir por um lado na organização do espaço urbano, e por outro na forma como os movimentos sociais afectaram e foram afectados pela alteração dos referidos espaços.

Verifica-se que ao nível social, as migrações são causa e consequência de uma desvalorização do espaço urbano e do espaço dedicado ao turismo. A contribuir para estas alterações sociais e espaciais tem estado a globalização. A abertura dos mercados, a dominação da classe média e a cultura de massas tem tido um forte impacto ao nível da economia. Nesse sentido, existe agora um maior acesso aos bens de consumo, entre eles os que estão relacionados com a ocupação e aproveitamento do espaço. Ainda assim as desigualdades sociais mantêm-se e em alguns agravam-se. Aparentemente é o Estado (por meio dos impostos) e os grandes construtores civis que têm conseguido lucrar com esta revolução habitacional que atravessamos.

Ao nível social e cultural, todo este processo tem-se traduzido na perda dos referentes individuais e colectivos devido ao desenraizamento de uma larga franja da população. Este dado acresce outro. O da desertificação das zonas de interior

### **A identidade e a globalização e as estratégias de recuperar a memória;**

Havendo hoje em dia a percepção de que se estão a diluir os principais elementos de identidade no nosso como em outros países, têm sido vários os mecanismos desenvolvidos para revitalizar as práticas tradicionais. Esta vontade, tem surgido em vários sectores sendo a motivação subjacente a todos eles comum: a procura da identidade e do genuíno. Em alguns casos, quando determinadas práticas não parecem ser pitorescas ou suficientes ou antigas ou suficientes são rapidamente postas de lado e até tradições folcloristas, introduzidas há poucas décadas satisfazem a necessidade de enquadramento e de identidade dos indivíduos. Prova disso é:

- o crescente mercado da recuperação de imóveis antigos;

- o repovoamento das zonas antigas/históricas das cidades;
- o florescente turismo rural ou turismo de habitação;
- o turismo cultural e etnográfico...

### **Bibliografia**

Wikipedia. 2007. Wikipedia-Globalização [em linha] Wiki [acedido em 14 de Maio de 2007].

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Globaliza%C3%A7%C3%A3o>

Sousa, J. Palavras da arquitectura. 2007. Ser ou não ser moderno at Palavras da arquitectura

[em linha] palavras-arquitectura [acedido em 14 de Maio de 2007]

Disponível em: <http://palavras-arquitectura.com/2007/04/13/ser-ou-nao-ser-moderno/>